



BIC-UCS

Costurando Saberes, Tecendo Cuidados: Retalhos do Ecofeminismo em Oficinas de Enfrentamento à Violência de Gênero

ecofeminismo

PPGPSI

Metamorfose
Jurídica

Pablo Corso (Autor), Raquel Furtado Conte (Profª Dr. orientadora), Emanuelle Amaral Seben (Coautora), Emily Gabriele Reis da Silva (Coautora)

INTRODUÇÃO / OBJETIVO

As mulheres, historicamente vinculadas ao trabalho doméstico e à relação com o meio ambiente, foram reduzidas a corpos exploráveis pelo homem assalariado. Da mesma forma, a natureza é expropriada como um “recurso” a ser mercantilizado pelo capitalismo e colonialismo. Ambos os casos são retratos sociohistóricos de como o patriarcado moldou a sociedade em cima de violências múltiplas (Federici, 2019) intensificadas no Antropoceno, período marcado por crises ambientais produzidas pelo capital e pela colônia. Nesse contexto, reverberam-se as dicotomias natureza/cultura e mulher/homem de forma a hierarquizar relações. Cria-se, assim, a partir de interseccionalidades (Crenshaw, 1989) de vulnerabilidades de gênero, raça, classe e território, uma das faces mais perversas: a violência contra a mulher.

O ecofeminismo surge nessas fissuras como crítica às dicotomias e violências patriarcais, partindo do pressuposto de que o mundo que nos ronda é vivo e ativo, não um sujeito a ser explorado (Haraway, 1995), de forma a valorizar saberes comunitários das mulheres como alternativa às violências de gênero (Coradin, 2024). Nele, se encontra uma prática de ética do cuidado que busca a costura de um senso comunitário sem hierarquias e de laços de cuidado com pessoas humanas e não humanas (Bellacasa, 2012; Haraway, 2023). Seu propósito é o resgate da cidadania, autoestima, bem-estar da terra e do corpo através do cuidado de si e do outro, provocando uma alternativa às violências de gênero. Esta prática é comumente vista em coletivos ecofeministas, como nas quebradeiras de coco-babaçu, mulheres do Nordeste brasileiro que lutam pela preservação da terra e pela equidade de gênero e étnico-racial (Dantas, Lima, 2023).

Esta pesquisa tem por objetivo construir novas formas de subjetivação de mulheres em situação de violência de gênero através da ótica do ecofeminismo e da ética do cuidado.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa de delineamento qualitativo, exploratório e descritivo, utilizou-se de oficinas como metodologia ativa, a fim de articular a teoria e prática, utilizando-as como espaços dialógicos e de coconstrução de outras possibilidades de sentido (Spink, Menegon e Medrado, 2014), além da utilização da oficina como instrumento de coleta de dados. Foram realizadas após sessões grupais, individuais e triagens com o público-alvo mulheres em situação de violência de gênero atendidas pelo Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). As oficinas, executadas por uma voluntária de povo tradicional convidada, consistiram na exploração de retalhos para criação de acessórios, com o objetivo de promover o autoconhecimento e o cuidado com si e com outros. As observações foram registradas em um diário de campo, que serão analisadas posteriormente.

RESULTADOS

As oficinas foram realizadas em nove encontros, sendo quatro intervenções grupais e cinco individuais. No total, cinco mulheres participaram nas atividades, sendo todas elas brancas. Dentre elas, duas tiveram maior assiduidade. A principal motivação para a falta de adesão é relacionada com a dedicação com questões trabalhistas,

financeiras, familiares e de saúde, o que nos convoca para uma análise sobre como questões raciais, de classe e gênero atravessam o cuidado.

Fotografias 1 - Acessórios em retalhos



Fonte: Oficineira voluntária

Entre as participantes com maior assiduidade, no entanto, foi apontado pelas mesmas que o cuidado de si e com o outro, a auto-estima e o lazer foram fortalecidos através do contato com outras pessoas e com a produção artesanal de acessórios em retalhos (Fotografia 1), com trocas de experiências e saberes artesanais entre elas. Além disso, as oficinas proporcionaram um espaço de acesso a informações sobre violência de gênero e alternativas para o que fazer frente a tais circunstâncias. No que concerne a cidadania e as oficinas como espaço de cuidado de si, uma das participantes apontou: “aprendi que também é meu direito dizer não” e “a senhora me ajudou a mostrar que eu posso me libertar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres atendidas demonstram como as oficinas proporcionam espaços de construção de subjetivações outras através da ótica do ecofeminismo e da ética do cuidado, encontrando na valorização dos saberes comunitários o cuidado de si, do outro e do meio ambiente, além de proporcionar, através do artesanato de acessórios, auto-estima, conhecimento, cidadania e mundos outros sustentáveis. No entanto, percebe-se a falta de adesão como algo fundamental para análise, incorporando o patriarcado como um violador da natureza e da mulher mais uma vez. As oficinas, produzidas poucos meses após o desastre ambiental do Rio Grande do Sul resultado da exploração capital-colonialista, levam mulheres a optarem por focar em outras questões pessoais antes do cuidado de si, porque precisam enfrentar às múltiplas vulnerabilidades de seus territórios e de suas questões financeiras e familiares. Tal ponto ainda se relaciona com a falta de mulheres negras, visto que o cuidado continua sendo difícil acesso para as populações subalternizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLACASA, M. P. de La. *‘Nothing comes without its world’. Thinking with Care.* The Sociological review, v. 60, n. 2, p. 198-212, 2012. <http://doi.org/10.1111/j.1467-954X.2012.02070.x>
CORADIN, C.; OLIVEIRA, S. S. *Contribuições do conceito de corpo-território e dos feminismos comunitários para pensarmos na construção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis.* Saúde em Debate, v. 48, n. spe1, p. e8731, 2024.
DANTAS, G.; LIMA, M. C. A. *Território, trabalho e gênero: mulheres quebradeiras de coco babaçu na Educação Ambiental Crítica.* REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 40, n. 1, p. 367-388, 2023.
CRENSHAW, K. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics.* University of Chicago Legal Forum, v. 1989, art. 8. 1989.
FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.* Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2017.
HARAWAY, D. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno.* São Paulo: n-1 edições, v. 320, 2023.
HARAWAY, D. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.* Cadernos pagu, n. 5, p. 7-41, 1995.
SPINK, M. J.; MENEGON, V. M.; MEDRADO, B. *Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas.* Psicologia & Sociedade, v. 26, n. 1, p. 32-43, jan. 2014.